

Dificuldade para criar os filhos longe dos familiares

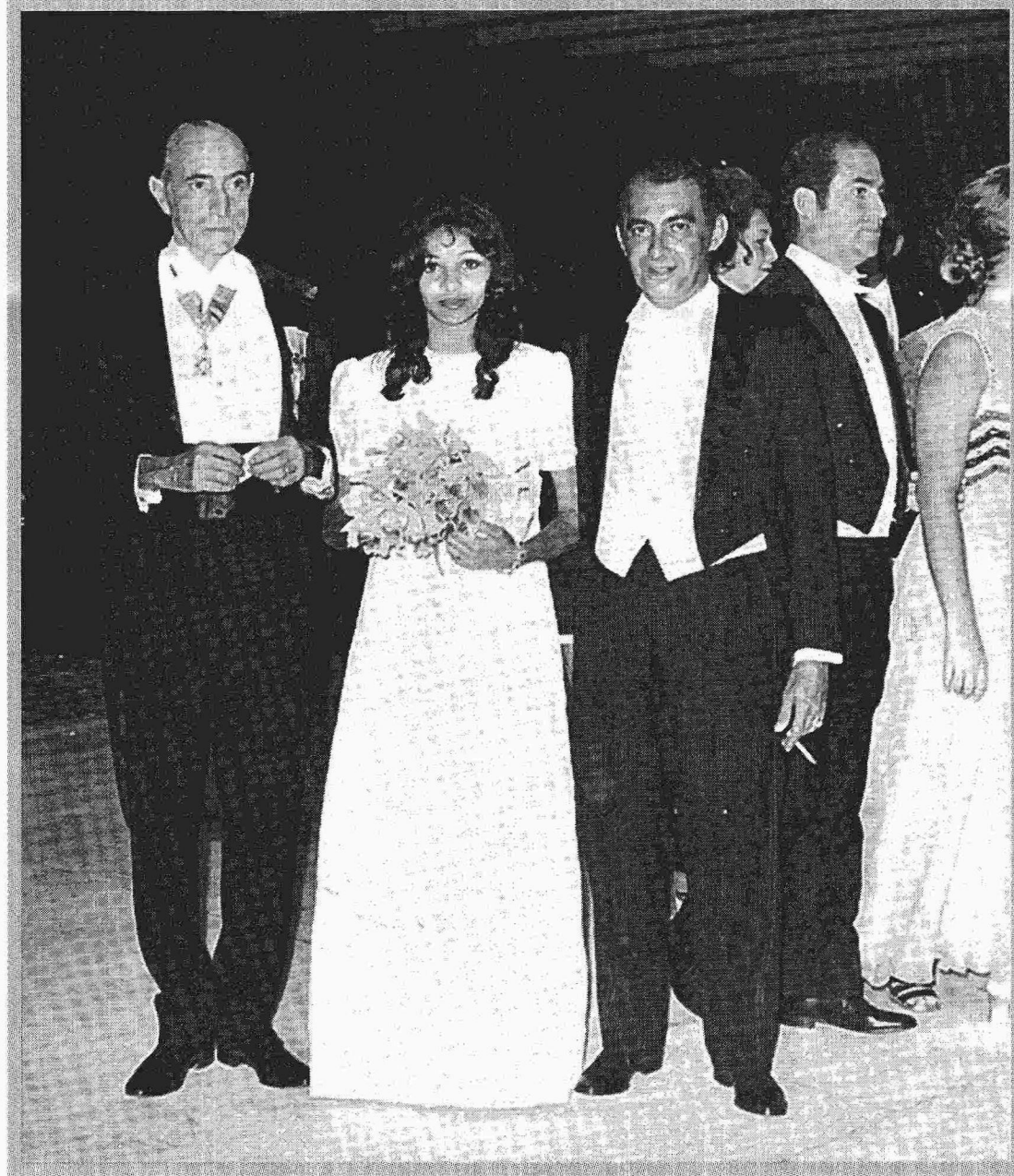
Arquivo pessoal

VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

A pioneira Nonata Perez Nobre Mourão nasceu na cidade de Itaraucá, no Acre, mas frisa que não é acreana, pois saiu de lá muito pequena. Do Acre, ela foi para Fortaleza, onde se criou. Depois foi morar no Rio de Janeiro. Somente em 1962, depois de passar por outras duas capitais brasileiras, é que Nonata achou a cidade em que mais gostou de morar: Brasília. A nova capital federal tinha, na época, a mesma idade com que Nonata deixou sua cidade natal: dois anos.

Nonata veio para o Planalto Central acompanhando o marido, José Lourenço de Araújo Mourão, que havia sido aprovado em um concurso público para promotor no Distrito Federal. "Ele se formou na primeira turma de promotores de Brasília", recorda a pioneira, viúva há seis anos. Além da oportunidade de crescimento profissional, a proximidade com o Poder ia ao encontro dos anseios de José Lourenço, que foi deputado pelo PSD do estado do Acre. Mas Nonata não gostou da cidade logo que chegou por aqui, mãe de quatro de seus cinco filhos e grávida do caçula, José Lourenço Junior. O principal problema foi com a moradia. Primeiro, ofereceram à família uma casa na W3 Sul. "A-



NONATA E O MARIDO (D)
TINHAM UMA VIDA SOCIAL
INTENSA. NO ITAMARATY
PARTICIPARAM DA
RECEPÇÃO PARA O GENERAL
CHARLES DE GAULE

Achei aquelas casas todas juntas e todas iguais muito estranhas e acabei não concordando em morar em uma delas", conta. A se-

gunda opção — um apartamento funcional na Asa Sul para parlamentares e promotores — foi melhor, mas estava longe de agra-

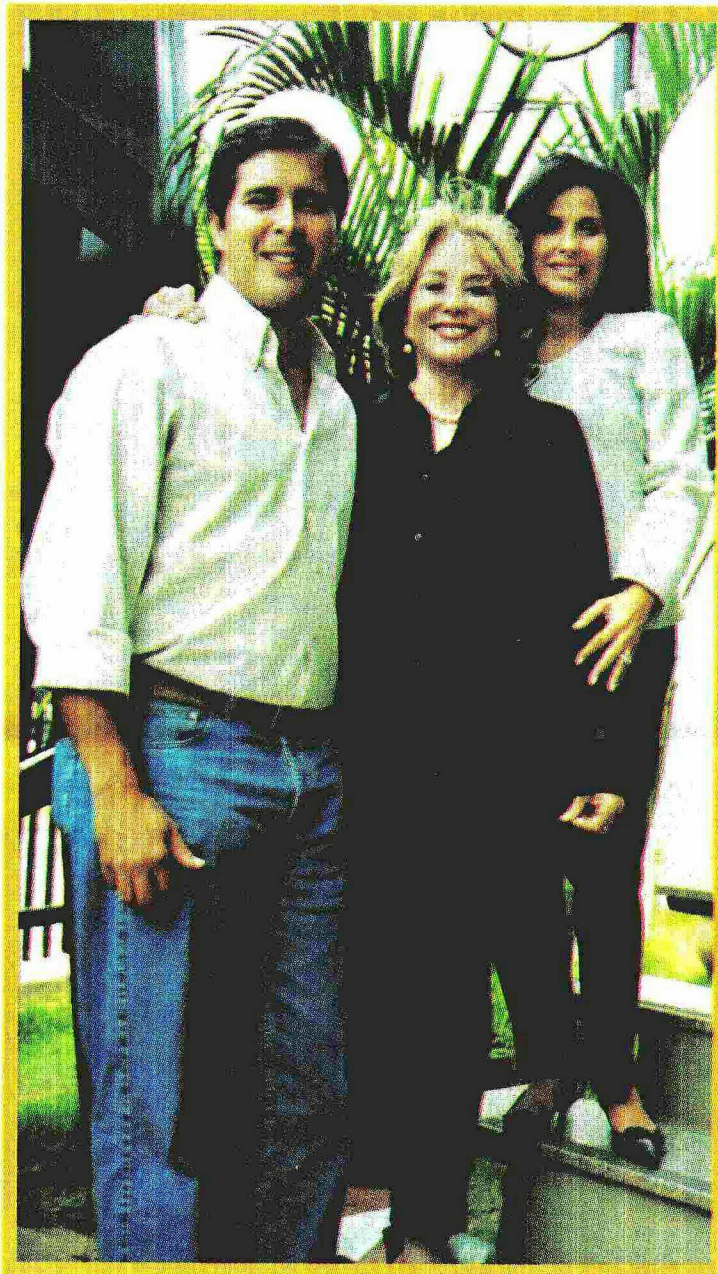
dar aquela dona-de-casa que nunca havia morado em apartamento em sua vida. "Levei um susto. Sentia que estava presa na-

quele apartamento, sem quintal", lembra Nonata, que se arrumava toda para ir ao jardim ou ao pátio que não existiam.

Os três primeiros meses foram difíceis para a pioneira, com direito a muito choro e vontade de voltar para Fortaleza. "Mas eu não podia largar minhas crianças e meu marido para trás", diz Nonata, que nunca voltou realmente para a cidade onde foi criada. Além da solidão — que só durou três meses, vale ressaltar —, havia mais uma coisa que a incomodava em Brasília: o barro vermelho. "As crianças desciam para brincar e era inevitável que voltassem todas cobertas desse barro vermelho, que é uma marca registrada da cidade", conta. Realmente não era fácil criar as crianças aqui, pois, como bem lembra, essa foi uma geração de pioneiras que criou seus filhos "sozinha, sem o apoio de familiares ou amigos mais próximos, contando apenas com a ajuda dos vizinhos". A determinação utilizada na hora de criar seus filhos foi a mesma que levou Nonata a decidir fazer um curso superior depois de mais de 30 anos de casamento. "Fui em busca de um algo mais que faltava em mim", conta a pedagoga sem esconder o orgulho de ter vencido o desafio e ter ocupado o cargo de coordenadora pedagógica do Centro de Reabilitação de Jovens no Gama, durante seis anos.

chegou a Brasília, em 1962, acompanhando o marido, José Lourenço, que havia passado o para promotor do Distrito Federal. Aqui, criou os cinco filhos e se formou em Pedagogia

VIÚVA HÁ SEIS ANOS, NONATA MANTÉM O COSTUME DE REUNIR OS FILHOS NA CHÁCARA E JOGAR CARTA COM OS AMIGOS



O tempo foi passando e logo Nonata estava acostumada com a rotina da cidade, já que não era muito difícil fazer amizade em uma cidade em que todos estavam começando. “Nossa atividade social era intensa. Sempre tinha um acontecimento na casa de alguém ou uma seresta para irmos”, diz a pioneira, com ar saudosista. Isso sem falar nas animadas conversas no Clube do Congresso e no late Clube, todos frequentados por famílias inteiras, e nas partidas de carteadado, que uniam homens e mulheres, de parlamentares a donas-de-casa em torno de uma mesa. Até hoje é assim. “Ainda tenho uma turma que se encontra para jogar buraco ou pôquer e lembrar dos velhos tempos”, afirma Nonata, garantindo que continua sendo uma parceira das melhores seja qual for o jogo.

Em muitas dessas serestas, frequentadas pelos pioneiros, o presidente Juscelino Kubitschek estava presente. “Ele era visto como um deus pelos candangos, mas era um homem muito humilde”, afirma Nonata, que não tinha laços tão estreitos com o criador da cidade. Mesmo assim, Juscelino foi protagonista de um episódio envolvendo sua filha mais velha, Fernanda, que não sai das memórias nem da mãe nem da filha. “O presidente passou a parada de Sete de Setembro toda com a Fer-

nanda no colo”, orgulha-se a mãe coruja. A amizade de Nonata e Juscelino só veio mesmo deslanchar durante o exílio de JK. “Foi uma época em que meu marido apoiou Juscelino”, diz ela, que casualmente estava sentada ao lado de Juscelino e de uma de suas filhas, a Maristela, no avião, quando ele voltava à capital pela primeira vez depois do exílio. “Perguntei a Juscelino o que estava sentindo e ele me disse que era como se voltasse a rever sua terceira filha depois de tantos anos”. Vale lembrar que Juscelino tinha duas filhas — Maristela e Márcia Kubitschek.

A vontade de ter sempre a casa cheia fez com que, mesmo sem saber, o casal José Lourenço e Nonata Mourão acompanhasse de perto o crescimento e o desenvolvimento de uma das áreas mais nobres da cidade: o Lago Sul. Há 34 anos, Nonata mantém um pequeno sítio situado na QI 29 do bairro, onde sempre que pode gosta de reunir seus cinco filhos, quinze netos e duas bisnetas. “Era nesse local que meu marido se desligava das preocupações do plenário e de sua vida profissional. É um refúgio nosso, bem rústico e com uma nascente

“
NOSSA
ATIVIDADE
SOCIAL ERA
INTENSA.
SEMPRE
TINHA UM
ACONTECIMENTO
NA CASA DE
ALGUÉM OU UMA
SERESTA PARA
IRMOS”

maravilhosa”, afirma Nonata, definindo José Lourenço Mourão como um “homem de muito valor e muito humilde. Tanto que acabou sendo indicado pelos colegas do Ministério Público três vezes para integrar a lista tríplice avaliada pelo presidente”. Vale ressaltar que o casal chegou à QI 29 do Lago Sul quando o bairro ia somente até a quadra 18. “O Lago acabava ali no Instituto Dom Orione. Nossa quadra era deserta”, garante a pioneira, que hoje se admira ao ver que de lá de seu sítio ao Senado o filho não gasta mais do que 15 minutos.

Raio X

Nome: Nonata Perez Nobre Mourão
Idade: “mais de 60”
Origem: Itaraucá, Acre
Profissão: Pedagoga (aposentada)
Marido: José Lourenço de Araújo Mourão (falecido há seis anos)
Filhos: Fernanda Maria, Domingos Neto, Paulo Fernando, Cláudia e José Lourenço Júnior
Netos: Juliano, Daniela, Luiz Carlos, Carolina, Rodrigo, Marcela, Daniel, Silvana, Mariana, Paulo, Lourenço, Ângela, Alexandre, André e Stela
Bisnetas: Maria Eduarda e Helena Gaya.
Ano de chegada a Brasília: 1962.